

JVLIO DANTAS

SANTA INQVISIÇÃO



SOCIEDADE EDITORA
PORTVGAL-BRASIL

Junho 1931

SANTA INQUISIÇÃO

*Peça em quatro actos e um quadro
representada com grande successo pela primeira vez,
em Portugal, no Teatro D. Amélia de Lisboa,
em 17 de março de 1910,
e, em Espanha, no Teatro Apollo de Barcelona,
em 5 de dezembro de 1914*

JÚLIO DANTAS

Sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

Santa Inquisição

PEÇA EM 4 ACTOS E 1 QUADRO

3.^a EDIÇÃO

PER GREEN PVLGNS



LISBOA

PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

ARTHUR BRANDÃO & C.^a

58 — RUA GARRETT — 60

UCL 2016

FIGURAS

Cardeal Inquisidor Geral	AUGUSTO ROSA
Micer António Gaspar, <i>mercador</i>	ALEXANDRE AZEVEDO
Frei Marcos, <i>dominicano</i>	JOÃO SILVA
D. João	CARLOS DE OLIVEIRA
Rui, <i>escolar de Coimbra</i>	HENRIQUE ALVES
Mossém Judas Navatto, <i>joalheiro do Rei, cristão novo</i>	JOSÉ RICARDO
Frei Plácido de Jesus, <i>franciscano</i>	RAFAEL MARQUES
Curvo Semmedo, <i>familiar do Santo Officio, médico da câmara do Rei</i>	ANTÓNIO PINHEIRO
Braschi-Onesti, <i>gentil-homem da Nunciatura</i>	ANTÓNIO SARMENTO
Don Brisco, <i>títereiro espanhol</i>	CHABY PINHEIRO
O Estalajadeiro	RAFAEL MARQUES
O Notário	LOPO PIMENTEL
O Litereiro	FRANCISCO SENA
Frei Promotor, <i>dominicano</i>	ANTÓNIO SARMENTO
Frei Procurador, <i>bento</i>	FRANCISCO SENA
O Mordomo	MANUEL PINA
Mulato, <i>estribeiro</i>	ANTÓNIO MONTENEGRO
Belchior, <i>criado</i>	MANUEL PINA
O Filho, <i>criança de seis anos</i>	GUILHERMINA
A Filha, <i>criança de quatro anos</i>	N. N.
Isabel Conti, <i>mulher de Micer António</i>	ANGELA PINTO
A Bruxa	JESUINA SARAIVA
A Flamenga, <i>rameira</i>	LUZ VELOSO
Rosal, <i>idem</i>	JÚLIA DE ASSUMPÇÃO
Inês, <i>aia</i>	ELVIRA COSTA
Dorotéa, <i>criada</i>	ALEXANDRINO QUÁDRIO
Raquel, <i>idem</i>	N. N.
Sílvia, <i>bailarina italiana</i>	MARGARIDA GOMES
Lorenza, <i>idem</i>	LEONOR FARIA
La Gioconda, <i>idem</i>	EMÍLIA SARMENTO

Inquisidores, deputados do Santo Officio, familiares, quadrilheiros, meirinhos, porteiros, frades de S. Domingos, alabardeiros, saissos, músicos, títereiros espanhóis, franciscanos pedintes, povo.

PRIMEIRO ACTO

Em casa de MICER ANTÓNIO GASPAR, mercador rico do século xvii. — Aposento servindo de guarda-roupa e de oratório. — Á D., duas janelas de rótulas com postigos. Entre as janelas, o oratório: tríptico enorme, flamengo, em talha e pintura; um crucifixo; lâmpada de prata, acesa. Em frente, banco de rezar, com a sua almofada de damasco vermelho. — A meio, um cravo pequeno ou espineta de xarão; tamboretes. — Ao F., porta larga dando para a alcova: leito de colunas, gosto holandês; perto, um berço; ao alto, lâmpada. Armários. — Noite.

ISABEL, em roupas, ajoelhada no banco do oratório, tem nos braços um pequeno de cinco anos, risonho, apenas envolvido numa camisa ligeira. — Na alcova, INÊS embala o berço, onde se entrevê, muito loira, outra criança dormindo.

ISABEL, ensinando o FILHO a rezar

Não nos deixeis, Senhor, cair em tentação...

O FILHO, repetindo, na sua vozinha infantil

Não nos deixeis, Senhor, cair em tentação.

ISABEL

Livrai-nos de todo o mal.

O FILHO

Livrai-nos de todo o mal.

ISABEL

Amen, Jesus.

O FILHO

Amen, Jesus.

ISABEL

Põe as mãosinhas, anda. — Pede a Nosso Senhor. (*Juntando-lhe as mãos*) Que o pai seja sempre muito amigo da mãe...

O FILHO, *repetindo, num sorriso*

Muito amigo da mãe.

ISABEL

Que Deus proteja a nossa casa com a sua misericórdia.

O FILHO

Misericórdia.

ISABEL

E nos livre das perseguições dos nossos inimigos.

O FILHO

Dos nossos inimigos.

ISABEL, *beijando-o e apertando-o ao peito*

Meu amor! meu tesouro! minha vida! — Se tu soubesses como a mãe é feliz!

A FILHA, *chamando, da alcova*

Mãe!

ISABEL

Que é, meu amor?

INÊS, *da alcova*

Minha ama, é a menina que não dorme com o sentido no irmãozinho.

ISABEL

Já vou, minha jóia. — O mano já vai. (Ao FILHO) Vamo-nos deitar, sim?

O FILHO

Quero esperar pelo pai.

ISABEL, *sentando-se no banco que está junto do cravo, com o FILHO nos joelhos*

Não tens sono?

O FILHO

Toca, mãe.

ISABEL

É muito de noite, minha vida. — Acorda os passarinhos que estão a dormir.

O FILHO

Porque é que o pai não vem?

ISABEL

O pai já vem. Está na côrte, com os merca-
dores que chegaram da Holanda.

O FILHO

Que está êle a fazer?

ISABEL

Está a ganhar dinheiro para a mãe, para ti e para a tua irmãzinha. (*O FILHO bate com as mãos sobre o teclado*) Não é assim, meu amor. — As mãozinhas põem-se assim, vês? — As tuas não chegam, são muito pequeninas... (*tocando*) É assim.

INÊS, vindo do F., pé ante pé,
enquanto ISABEL, com o FILHO no regaço, toca no cravo
um prelúdio de Bach

Minha ama, a menina já dorme.

ISABEL, num sorriso, deixando de tocar
e mostrando o FILHO

Adormeceu.

INÊS

Benza-o a Virgem.

ISABEL

Tome-o lá. (*Ouvem-se as esquilas duma liteira*) Espere. — Parece que é já a liteira.

(INÊS *corre à janela*) Não abra as rótulas. Veja ao postigo.

INÊS, *olhando para fora*

É o meu amo. — Conheço as guisciras dos machos.

ISABEL, *com estranheza*

Tão cedo hoje! — E tão depressa! (*Dando o FILHO a INÊS*) Tome o menino. (*Correndo à janela*) Parou. (*Abrindo as rótulas*) Entrou já. (*Correndo à porta da E. alta*) António!

ANTÓNIO, *cuja voz se ouve, fora*

Belchior! — Dorotéa! — Depressa! — As azê-molas! As duas liteiras! — Todos os machos para mudas!

ISABEL

António! Que foi?

ANTÓNIO, *entrando pela E. alta*

Minha Isabel, coragem!

ISABEL

Vens tão pálido! — Que tens tu? — Que aconteceu?

ANTÓNIO

Temos de sair já desta casa. — Chama as criadas. Entrouxa as roupas, as pratas, as jóias. — Não há tempo a perder.

ISABEL

Meu Deus! — E os nossos filhos?

ANTÓNIO

Vão connosco. — Embrulham-se em mantas.

ISABEL, *chamando*

Ama! — Dorotéa! — Raquel! (*a* ANTÓNIO)
Mas para quê? Uma jornada a estas horas da noite! — António! Que vamos nós fazer?

ANTÓNIO

Fugir!

ISABEL

Fugir? (*Precipitando-se para a alcova*) Filhos da minha alma!

INÊS, *que tem deltado o pequeno no leito, ampara*
ISABEL *nos braços*

Minha ama!

ANTÓNIO, *a BELCHIOR, criado velho, que entra*
trazendo pratas e roupas

Arcas, baús, sacos da ração do gado! —
Depressa!

DOROTÉA, *entrando com RAQUEL pela E. baixa*

Senhor Deus, valei-nos!

ANTÓNIO, *para BELCHIOR, que vai a sair*

Emquanto não saímos, aferrolha os portões,
tranca as janelas e aperra as clavinhas, — para
o que der e vier!

ISABEL

Que mal fizemos nós para fugir assim, António?

ANTÓNIO, *às CRIADAS, enquanto atafalha uma arca*

Essas pratas! Depressa! (*a ISABEL*) Não há
tempo para lágrimas. Não me perguntes mais
nada. — As tuas jóias!

ISABEL

As minhas jóias?

ANTÓNIO, *a* BELCHIOR, *que volta trazendo um báculo de couro pregado*

Leva! — Carrega os machos! — Mas dentro do pátio! — Ninguém sai sem nós!

INÊS, *apontando a* ISABEL *as crianças que dormem*

Estão a dormir tão bem!

ANTÓNIO, *ajudando* BELCHIOR *a carregar uma arca*

Os liteireiros são de confiança?

BELCHIOR

São, mícer António.

ANTÓNIO

Um dêles que se vá embuscar no ferregial, na volta da estrada. Ao menor ruído do lado de Lisboa, corra a prevenir-me.

ISABEL, *que tira um cofrezinho de prata de dentro de um armário holandês*

António! — Nós fugimos da justiça?

ANTÓNIO, *carregando um baú*

Não.

Ouve-se, fora, correr o ferrolho do portão

ISABEL

Tu escondes-me a verdade. — Estas jóias queimam-me as mãos. — António, nós roubámos!

ANTÓNIO

Isabel! Tu enlouqueceste!

ISABEL

Pela vida dos nossos filhos?

ANTÓNIO

Antes tivéssemos roubado! (*Uma das CRIADAS desprende a lâmpada de prata do oratório*) As lâmpadas! — Depressa! — Aquela roupa!

ISABEL, pondo o cofre das jóias sobre o oratório

Então, se estamos inocentes, de quem fugimos nós?

ANTÓNIO

De Deus!

ISABEL

Que mal fizemos nós a Deus? — Fugir para onde? Não temos família, não temos amigos em Portugal!

ANTÓNIO

Atravessamos a Espanha, — e, já a salvo, ganharemos a Holanda. (*A BELCHIOR, que traz duas clavinas*) Estão aperradas? — Bem. (*Sobraçando um capotão de dozeno*) O ferragoulo! (*Às CRIADAS*) Carreguem tudo. (*A ISABEL*) Vamos. Encapuzo o rebuço. Traze as crianças.

ISABEL, *numa súplica*

António! — Não tenho fôrça para deixar esta casa! Eu fui tão feliz aqui, António! Foi aqui que nasceram os nossos filhos! Tudo isto está cheio do nosso amor! (*Ajoelhando*) Suplico-te! Por piedade! Não me leves!

ANTÓNIO, *terminante*

Se fico, estou morto. — Escolhe.

ISABEL

Morto?

ANTÓNIO

Desde manhã que me perseguem.

ISABEL

A ti?

ANTÓNIO

A mim.

ISABEL

Quem?

ANTÓNIO

A Inquisição.

ISABEL, *num grito*

Virgem Santíssima!

ANTÓNIO, *apurando o ouvido*

Escuta.

ISABEL, *desvairada, correndo à alcova*

Filhos! Meus filhos!

ANTÓNIO

Cala-te! (*Aproximando-se das janelas*) Parecem vozes.

INÊS

É o vento nos pinheiros.

ANTÓNIO, *às CRIADAS, que conduzem um baú de couro*

Dorotéa! — Não saiam. — Ouvi vozes, distintamente.

BELCHIOR, *entrando pela E. alta*

Mícer António!

ANTÓNIO

Belchior! — É alguém?

BELCHIOR

O liteireiro entrou. — Diz que vem gente.